This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

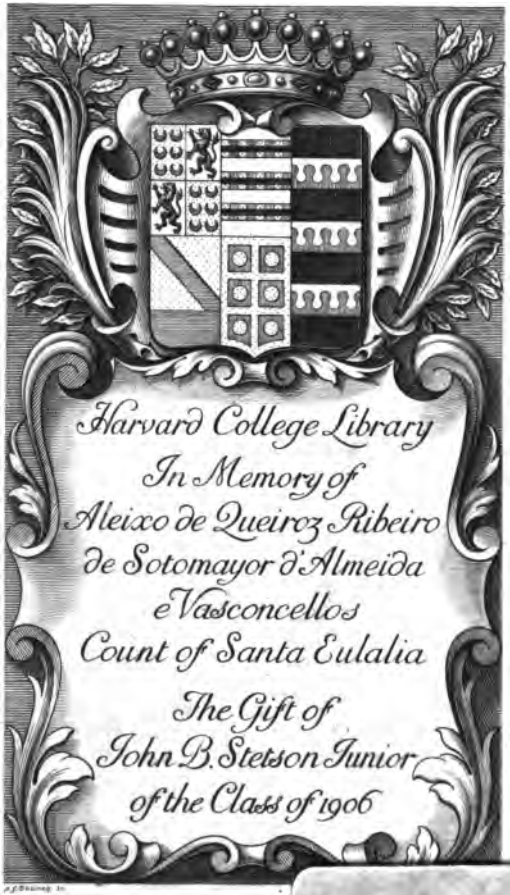
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Port
5965
45

+ 5965.45


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

O

FOLHAS CAHIDAS,

APANHADAS NA LAMA,

POR

UM ANTIGO JUIZ DAS ALMAS DE CAMPANHAN,

E

SOCIO ACTUAL DA ASSEMBLEA PORTUENSE,

COM EXERCICIO NO *Palheiro*.

OBRA DE QUATRO VINTENS,

E DE MUITA INSTRUCÇÃO.

PORTO:

TYPOGRAPHIA DE F. G. DA FONSECA,

Rua das Hortas n.º 152 *e* 153.

1854.

Port 5965.45
HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
June 20, 1922

EU.

Saibam todos quantos virem
Este publico instrumento,
Que surgiu mais um poeta
Nos aloques do talento.
Não pertenço á mocidade,
Que fechou sem caridade
Da velhice a pobre tumba.
Não sei palavras d'estouro,
Nem descanto em lyra d'ouro:
Minha lyra é um zabumba.

Eu, sou eu. Juiz das Almas,
Nos bons tempos, que lá vão,
Conheci que tinha uma
Como poucas almas são.
Campanhan! terra dos saveis!

Que doçuras inefaveis
Tens nos teus prados amenos!
Ai! Maria da Cancella!...
Cada vez que fallo n'ella,
Sou Petrarcha,.. em fralda, ao menos!

Dai logar á catarata
D'uma lagrima que rola
Pelas faces, como orvalho
A aljofrar uma papôla,
Respeitai a desynth'ria
Desta enferma poesia,
Que resiste á Revalenta!
Braz Tisana, esse que diga,
Em que estado anda a barriga
Da Musa, nos seus outenta!

Deixai que um velho recorde
Aureos sonhos infantís!..
Campanhan, mansão das fadas
Onde estão tuas houris?
Ledas brisas que brincaveis
Entre as pestanas dos saveis,
Lindos saveis de coral!
Onde estaes, em que paues
Murmuraes, auras tafues,
Vosso hymno angelical!

Raios palidos da lua
Alta noute, em ceo d'anil,
Já não são os que argentavam
Estes lagos de esmeril!
Nem é este o pulcro savel
Que me deu sorriso afavel
D'entre os verdes salgueiraes!
Nem aqui meu peito anceia
Os carinhos da lampreia
(E outras asneiras que taes).

Quando eu era o mago enlevo
Das fadas de Campanhan,
Apanhava a borboleta,
Que doudejava louçan.
E, por tardes d'almo estio,
Lá nas margens do meu rio
Vi delicias de encantar....
— Pyrilampos, suspirando,
Qual Camoens suspira arfando
Os estos do seu penar.

Ai! trovas da minha aldeia,
Que saudades me doeis!
Doçuras da minha vida,
Quando eu cantava os reis!
Viola d'Antonio Pinto,

Onde estás, que inda cá sinto
O gemer dos teus bordoens!
Minhas chinelas côr d'ovo,
E meu par de sócos novo,
Tão rico d'inspiraçoens!

Lá vai tudo! E minha alma
Erma, esteril, sinto aqui....
Como o lyrio enruga o calix
A fronte calva pendi!
Poeta da lyra amarga,
Vérgo ao peso desta càrga
De descrença e maldição!
Lacerado em meu orgulho,
Quero o sangue, o serrabulho
Desta infame geração!

E, depois que a minha lousa
Parta d'um raio a centelha,
Hão-de ouvir ranger meus ossos
Como carruagem velha.
E a mortalha ensanguentada
Como a tunica manchada
Do Cesar de Campanhan,
Ha-de ser mostrada ao povo,
Ha-de ouvir-se um grito novo
Nas praias do Gengis-kan!

AOS BAROENS.

Amigos! sinceridade!
Não sejamos todos tolos;
Deixai vêr os vossos rôlos
De brasoens.
Ninguem disse ainda ao certo
Onde vão, donde vieram
Os baroens.

Dizem velhos alfarrabios
Que os baroens da idade d'ouro
Davam tapona de mouro,
Fanfarroens!
Nesse tempo eram *crusados*,
Hoje fogem dos *cruseiros*
Os baroens.

Os de então na Palestina
Eram rijos e potentes;
Mas os d'hoje são valentes
Nos certoens.
Quem domina as vastas tribus
Dessas plagas africanas?
Os baroens.

Quem envia, mar em fora,
As esquadras dos *Trajanos*,
D'archejantes e ufanos
Galeoens?
Quem envia *Guerra* aos barbaros,
E lhe algema os pulsos livres?
Os baroens.

Digam lá o que disserem
Contra os *crusados* da moda,
Sois os grandes deste reino,
Meus baroens!.. sabeil-a toda!

« Carne humana!! escravaria!!!
« Crime atroz!!!! » são palavroens.
Chia a imprensa? ha-de calar-se...
Sabeil-a toda, baroens!

Vossos pais quando vieram
De Figueiró para aqui,
Quem diria... vendo vil-os
Como eu chegal-os vi!..

Era assim: via-se um mono
De jaqueta de cotim,
E calças de estopa grossa
E pernas côr do carmim.

Trazia sócos ferrados,
Em que pés!.. Deus nos accuda!..
Lenço vermelho amarrado
Na cabeça ponteaguda.

Vosso avô vinha com elle,
E gemia derreado
Sob um saco de batatas
Do patrão mimo adorado.

Vossa avó, de pé descalço,
Traz canastra com toucinho,
Pão de broa corpulenta,
Borracha de verde vinho.

Inda hontem eu vi isto!..
E vossês sus patuscoens,
Devem espantar-se comigo
De serem hoje baroens!

Querem de graça um conselho?
Não fallem, que faz tristeza,
Vêr o raso da toleima
A que desceu a nobreza!

Burros ficam sempre burros,
Embora tragam selim,
Cravado de diamantes
E estofado de setim.

O brilhar dessas commendas
Não vos muda a condição.
O instincto vos arrasta
Para o covado e balcão.

HYMNO

AO NECKER SALOIO.

Senhor Fontes Pereira de Mello,
Que sois Pitt, e *pitada* tambem,
Já que tudo metteis n'um chinelo
A cantar-vos a banza aqui vem!

Senhor Fontes! Sois de Lysia
O que ninguem inda foi!
Quem dissera que tão perto
D'um Sangrado existe um heroi!

Longo tempo o cultor da batata,
Senhor Pitt, por vós suspirou.
As abob'ras meninas murchavam,
E a mesquinha cebola grelou!

Mas creaste um ministerio
D'agricultura, ó portento!
Era um gosto vêr o grêlo
Sob o imperio do Fomento!

E o repôlho, a cinôra, o coentro
Espontaneos brotavam nos montes;
E nas folhas da côve tronxuda
Viu-se escripto: « Gloria ao Sôr Fontes! »

Senhor Fontes! vosso nome
Pelas hortas se dilata!
Como o Cesar é na *Fabia*,
Sois salvador da batata!

Carangueijos os lusos viviam
Desterrados n'um solo infeliz!..
E, comvosco, quebrar inda esperam
Nos caminhos de ferro o nariz.

Senhor Fontes! este povo
Vossa gloria proclama,
Quando viaja enterrado
'Té ao pescoço na lama.

Era triste esse tempo d'outr'ora
Em que um homem quebrava um quadril,
Nessas quinas d'estrada de pedra
Onde agora fumega um carril!

Á vista disto, Sôr Fontes,
(Á parte censuras tolas)
O paiz quer-vos na fronte
Uma restea de cebolas.

Quando o Porto vos deu quatro patos,
E de forno o arroz competente,
Quiz mostrar-vos que a gloria é um sonho,
Quando o ventre não anda contente.

E comestes, senhor Fontes,
E fizestes muito bem;
Colbert, Necker, e Pitt
Comiam patos tambem.

Quem nas polkas mostrou mais donaire?
Quem nas walsas mais quebra a cintura?
Quem melhor joga a tibia flexivel?
Quem compete comvosco em tesura?

Senhor Fontes, dous instinctos
A natura em vós relata;
A não serdes o Fomento,
Devieis ser acrobata.

Beatus venter qui te portavit,
Diz a patria na sua expansão!
Desde o Vistula ao Douro retumbam
Algazarras de rouca ovação!

Gloria, gloria ao rasgado
Fomentador immortal!
Modelo dos bons bigodes,
Permanente carnaval!

O DROPP.

Aranha de pau de pinho
Caranguejola, que és?
És o dropp; ora o dropp,
É uma cousa (diz Pop)
Sem ter cabeça nem pés.

Visto isso, temos dropp;
Ninguem tenha á barra medo.
A asneira não é tão calva;
A gente sempre se salva;
De que modo? isso é segredo.

Os praguentos já resmungam
Contra aquelle immenso trem;
Dizem que é força acabar,
Não só nas furias do mar
Mas nas do dropp tambem.

Este dropp é um segredo,
As finanças um mysterio.
Vêdes n'aquella gaiola,
Uma parva cabriola,
Imagem do ministerio?

Navegantes! acautelem-se!
Em posição desastrada
Empreguem maior cuidado
Que lhe não venha ao costado
Uma tremenda caibrada.

Aquelles paus são synistros
Como o cavallo de Troya;
Tudo aquillo é muito serio;
Tem não sei que de funereo
Dos carroçoens do Lagoia!

Tanta tabua consummida
Nessa funeraria asneira!..
Não 'stava ahi um sujeito
Com tanto dropp já feito,
Manoel José d'Oliveira?

Economia! sarcasmo
Deste ministerio-dropp,
Que cravou no calcanhar
A espora que faz andar
As finanças a galope!

Sou de voto que se dê
Ao dropp um uso real:
— Seja a estufa, com recatos,
P'ra guardar os cinco catos
Do ministerio actual.

O SEU A SEU DONO.

A Cesar o que é de Cesar,
Aos velhos o que é dos velhos!
Quem da crytica se encarga,
Deve andar estrada larga
E não metter-se por quelhos.

Sou assim! E mais sou velho
Mas a verdade é tambem,
Custe embora a quem custar,
A verdade hei-de-a fallar
Seja em mal, ou seja em bem.

Epaminondas Tebano,
A *Concordia* e o *Nacional*,
Nem a rir disseram petas:
Eu tambem como as gazetas,
Sou da honra o pedestal.

Não consinto que se diga,
Que só lavra a corrupção
Nas entranhas dos mancebos.
Eu conheço muitos gebos
Corruptos de profissão

Quem quizer venha ao *Palheiro*
Desta nossa Assemblea,
Ha-de vêr linguas farpadas
Em bocas já desdentadas
Maculando a honra alheia.

Ha-de vêr velhos devassos
Como em lubrica orgia,
Já vergados nas cernelhas,
Memorando infamias velhas
Com satanica alegria.

Ha-de vêr o extincto frade,
C'o a bochecha rubra e gorda,
Acerando o epygramma,
Nem se quer poupando a *ama*,
Que lhe faz em casa a sôrda.

Ha-de vêr o millionario
Brazileiro, com mil tretas,
A contar, com sujas côres,
As lendas dos seus amores
Com as *suas* trinta pretas.

Estes taes são os que infamam
A mocidade infeliz!
São estes em cuja tez
O oleo da estupidez
É da vergonha o verniz.

A mocidade não pode
Vencêl-os, não pode, não!
Dominam, são respeitados,
Representam vinculados
Os tempos da corrucção.

Nascidos, quando por terra
Os homens lançaram Deus;
Tem só fé no sensualismo,
E escarnecem com cynismo,
As crenças filhas dos ceus.

Gangrenado o corpo e alma,
Sem saber, e sem piedade,
São authomatos de barro,
Que resistem ao catharro
Pr'a vexar a humanidade.

Onde existe a virgem pobre,
Que de maguas vive cheia,
Lá vai ter uma mensagem
Da senil libertinagem,
Que o pudor lhe regateia.

Perguntai nesses alcouces
De miseria e compaixão,
Quantas victimas da fome
A deshonra ahi consomme,
E de quem victimas são.

Heis d'ouvir factos nojentos
Destes velhos que se arrastam
Sobre a lama das torpezas,
Das luxurias e villezas
Em que, cynicos, repastam.

Velho sou, bem alto o disse;
Mas deshonro-me de ser
Desta geração de velhos,
Em que os moços tem espelhos
Onde infamias possam ver!

Mocidade generosa!
Os teus crimes tem nobreza;
Quando falla a consciencia,
Nem negaes a Providencia,
Nem manchaes a natureza.

Elles não; sempre atufados
Em nojentos tremedaes,
Crêem só no seu dinheiro,
No cavaco do *palheiro*,
Na barriga, e nada mais.

A Cesar o que é de Cesar,
Aos velhos o que é dos velhos!
Quem da crytica se encarga,
Deve andar estrada larga,
E não metter-se por quelhos.

CONTO MORAL.

Um *attaché*, que vivera
Em Pariz uns quatro mezes,
Voltando á patria mesquinha,
Não roubou nem palavrinha
Aos seus amigos francezes.

Quando entrou nos pátrios lares,
Já não era o mesmo filho;
Sua mãe dobando estava,
E o *attaché* perguntava
Que nome tinha o sarilho?

Desceu á loja onde estava
O honrado pai ao balcão.
E mal dera ainda um passo,
Quando viu que estava um engaço
Estendido alli no chão.

Ora, o engaço tinha uns dentes,
Onde o tolo põe um pé,
Quando ao pai enthusiasmado,
Perguntou todo anafado:
Este engarilho que é?

Vai o cabo levantou-se,
Que assim era de suppor;
Vem direito ao infeliz
Quebra a ponta do nariz,
Do futuro embaixador!

—

MORAL.

Não venham fazer-se finos
Á patria os *attachés*,
Quem vai tolo tolo volta,
Inda que traga uma escolta
De anedoctas dos *Cafés*.

EPYSTOLA

AO EXCM.º VISCONDE DE ATHOGUIA EM DUAS VIDAS;
MINISTRO DA MARINHA DOS TRES BRIGUES,
E DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS... AO SENSO COMMUM.

Illustre paspalhão, pasmo dos orbes,
Nata da estupidez, alcool dos parvos,
De Campanhan o bardo te sauda!

Eu nunca fui sentar-me á tua porta,
Mendigando mercês; nunca os meus cantos,
Fedendo ao macassar da vil lisonja,
As nedeas ventas incensar te foram!
É livre a minha voz: creiam-me os povos!
Nobre feudo pagar aos grandes parvos
É do bardo a missão. A minha é esta.

Ha muito que eu de ti pasmado andava,
Contando á minha Antonia, e aos pequenos,
O nome que no peito escripto tinha.
Em casa do Francisco da Thomasia
Os teus discursos li, Visconde incrivel!
N'aquellas chatas caras que me ouviam,
Vi faiscas saltar de enthusiasmo.

Bebêmos-te á saude, a rego cheio!
E, no excesso do goso, os teus amigos
Não podiam lamber-se... eram uns cachos!

Tu, mais novo que o neto, ousado Gorgias,
Ha pouco trituraste os cabralistas
No rijo almofariz do craneo ôco.
Salvaste Roma, ó ganço!.. se não grasnas
Piravam-se os taes páos (1) e a Lusitania,
Viuva dos seus páos, ia-se á mingua!
Es o Curcio das lonas, que remiste (2)

(1) S. exc.ª mandou vender os páos, porque deu na melgueira d'uns empregados, que os regenerávam á surelfa, com grave detrimento da marinha portugueza.

(2) S. exc.ª vendeu umas lonas, cujo producto fez subir os fundos em Londres, e permittiu a construcção de trinta navios de guerra, com que s. exc.ª espera « sulcar as salsas ondas d'Amphitrite, » segundo a gravissima opinião do snr. J. M. Grande.

Do jugo infame da Albion perversa
A patria dos Affonsos e Affonsinhos!
A divida fatal, chamada externa,
Saldaste-a c'o producto dessas chapas,
Em que fica chapada a crassa asneira,
Eterna viscondessa d'Athoguia!

Do *Conde de Thomar* se intitulava
O patacho fatal, terror dos povos!
Fulminaste o patacho! A Europa accesa,
Pedira-te energia audaciosa.
Passaste heroica esponja sobre o nome,
E fizeste callar a voz da Europa!

Ó Jervis! tu nem sabes quanto vales!
Que o diga Campanhan, Valbom, S. Cosme,
Onde eu pude chegar, e a minha Antonia.

A machado e eixó, de páo castanho,
Um busto construí: era o teu busto.
Teu nome eternisei, nome que teve
Um *u*, maldito *u*, que tantas febres
Na mente escandecida te abrazára!

Não sei se diga mais, palavra d'honra!
Com esta não te enfado mais, visconde.
Não desdenhes vaidoso a offerta humilde,
Que mesquinho reptil aos pés te arrasta.
Recebe dusia e meia de lampreias,
Cosinhadas por mim; são de escabeche...
A proposito, amigo, ha quanto tempo
Conservas de escabèche a intelligencia?

O MINISTRO E O JORNALISTA,

(Dealogo).

MINISTRO

Eu vim chamado ao leito desta patria;
Matava-a a corrupção, e eu salvei-a!
Se prostrada jazia, ou talvez morta,
Qual Lazaro da campa, alevantei-a!

JORNALISTA.

De certo levantou Vossa Excellencia!
Que brade embora a vil opposição...
Esquálidos vestigios de gangrena
Bem profundos deixou a corrupção.

MINISTRO.

Se crê nessas doutrinas luminosas,
E quer ser prestadio a Portugal,
Acceite a empreza honrosa, augusta, e nobre,
D'expol-as, sustental-as n'um jornal.

JORNALISTA.

Empreza honrosa é; della me ufano!
Irei apostolar o credo novo;
Direi ás multidoens verdades francas,
Será o meu jornal jornal do povo.

MINISTRO.

Bem sei que da defeza é árdua a luta...
Odeia-me, sem causa, esta nação...
Embora! na grandeza dos serviços
Compete ao defensor mór galardão.

JORNALISTA.

Bem sei quantas calumnias forja a intriga...
Já dellas foi manchado o grande Decio.
Quizeram macular Vossa Excellencia
Chamando-lhe espião, rival de *Mecio!*

MINISTRO.

(Commovido, e esfregando os olhos com cebola).

Bemdito seja Deus! só elle sabe
As nobres intençoens de tal acção!
Por honra, por nobreza, e por caracter,
De certo fui, meu caro, um espião!

JORNALISTA.

Não é lá grande feito de virtude;
Mas cumpre que eu me saiba haver na luta.
Convém negar o facto, ou confirmal-o?
Bem sabe que é de crêr haja disputa.

MINISTRO.

(Limpando os oculos).

Eu lhe digo, senhor, a patria exige
Medidas uteis, providencias, factos.
Accusaçoens banaes, não lhes respondá;
A pedra é livre em mãos desses *gaiatos*.

JORNALISTA.

Pois bem! sou desse voto, ei-de julgal-as;
Accusaçoens banaes, pretr'idas, nullas;
Mas dado o caso infausto de citarem
Não sei que transacçoens com certas bullas?

MINISTRO.

(Enternecido).

Responda-lhe que eu fui proscripto, errante...
E quando ao ninho caro alfim tornei,
Não só não tinha um pinto pr'a despezas,
Mas nem a livraria em casa achei.

JORNALISTA.

Pois bem, triumphará Vossa Excellencia...
Agora, se lhe apraz... sim... cada qual
Emprega neste mundo, como pode,
O seu... ou pouco ou muito cabedal...

MINISTRO.

Intendo... quer dizer que não dispensa
Além do beneficio, uma pensão...
É justa, a quem trabalha a recompensa...
Quer cincoenta mil reis? pagos serão.

Cinco mezes depois.

JORNALISTA.

(Escrevendo).

Senhor ministro, eu não posso
Este jornal sustentar
Tenho esp'rado, em vão tres mezes,
Não me acabam de pagar.

Vossa Excellencia me disse,
A vinte e tres de Janeiro,
Que no Governo Civil
Recebesse o meu dinheiro,

Nem um chavo! e os assignantes
Abandonam-me o jornal,
Porque defendo um governo
Vergonha de Portugal.

Se não manda, quanto antes,
Senhor ministro, as mesadas,
Com pesar vou abraçar-me
Ás outras crenças passadas.

MINISTRO.

(Só).

Á vista disto, não ha mais fugir-lhe...
Pouco me serve... mas é pobre moço!..
Fazem-me pena quando assim os vejo...
Não ha remedio senão dar-lhe um osso.

A D. EUSEBIA DA ASSUMPÇÃO,

ALMA DE VACA.

Noitebó que esvoaçaste
No meu ceo d'alva illusão;
E na chaminé pousaste
Deste ardente coração;
Que mal te fiz, pulga d'alma,
Que mordes, sem compaixão?

Dona Eusebia, gança amada,
Que picaste a minha flor,
Tão do intimo orvalhada
Pelos prantos desta dôr,
Dona Eusebia não me piques
Esta alcachofra d'amor!

Gata brava, não me bufes
Esta luz d'aspiração;
Por quem és, tu não me atufes
Dona Eusebia d'Assumpção,
Nos abysmos insondaveis
D'assanhada ingratidão!

Tu chamaste-me pangaio,
Quando eu quiz um riso teu!
Fulminou-me um impio raio,
Minha aspiração morreu!
Ai! Natercia de chinelos,
Serei eu *pangaio?* eu!!

Tens no peito ingrata, um chato
Coração de melancia.
Tanto tempo fui teu gato,
Gato d'amor e poesia!
Dona Eusebia, alma de vaca,
Morras tu de hydropesia!

AS LITTERATAS.

Paes de familia, hybridos caturras,
Escrevo para vós! Se tendes filhas
Com sestro massador de fazer versos,
Dai-lhes p'ra baixo, como eu dou nas minhas!

Eu vejo serigaitas, mal lavadas
Do almiscar infantil de seus cueiros,
Fazerem relaçoens *c'os raios pallidos,*
Da estrella matinal, do lago lympido,
Das auras ciciantes, e da aragem,
E d'outras semelhantes trampolinas,
Que vós não entendeis, nem eu, nem ellas.

Espevitam-se todas estas gaitas
Da musa melancolica das noites.
Mal sabem onde tem a mão direita,
Não viram do nariz um palmo adiante,
E fallam de *paixoens intimas d'alma,*
De crenças desbotadas, e de flores
Fanadas ao soprar da leda infancia.

Acaso comprehendeis, paes de familia,
Da nova geração destas piegas
A triste chiadeira que nos fazem?
Dai-lhes p'ra baixo como eu dou nas minhas!

Não tendes uns fundilhos nas cilouras?
Não tendes roto o calcanhar da piuga?
Não tendes uma estriga, um fuso, e roca?
Mandai-as trabalhar; dai-lhe a sciencia
Precisa para o rol da roupa suja.
Se lhe virdes romance, ou essas cousas
Chamadas folhetins, sobre a *toilette*,
(A *toilette*, meu Deus! por causa d'ellas
Perverteu-se a dicção do nosso Barros!)
Dai-lhes p'ra baixo como eu dou nas minhas!

Quem é o parvo que espozar-se queira
Com litterata alambicada e chocha?

Sentada n'um sophá, sapho saloia,
Em languida postura requebrada,
Se eu visse a minha Antonia! ai que panasio,
Que revez de careca eu lhe pregava!

Paes de familia! não achaes bem triste
Entrar um cidadão em sua casa,
Cansado de lavrar o pão da vida,
E vêr sua mulher repotreada
Na othomana gentil, lendo romances?
Pobre marido quer fallar d'uns frangos
Que baratos comprou, e a litterata
Pergunta-lhe se leu *Kossuth e os hungaros!*
O parvo franze a testa aborrecido,
Procura entre os lençoes um refrigerio;
Mas, no excesso da dôr, rasga as cilouras,
E no mundo não tem mulher ou anjo
Que lh'as saiba coser!.. ai do mesquinho!

Onze horas já são. O bom do homem
Tres vezes já pediu café com leite,
Apertam-no negocios; mas em balde
Pediu com desespêro o tardo almoço.

A litterata esposa inda ressona,
Pois vira despontar a estrella d'alva

Nos rubros arreboes dos horisontes,
E, inspirada, fizera quatro quadras,
Ardentes de ideal romantecismo.

« Café com leite! » brada em vão tres vezes,
O bode expiatorio dos romances...
« Café com leite » os eccos lhe respondem,
Que a Stael d'agua doce inda ressona!

Maridos imbecis! eu vos lamento!
A culpa não foi vossa! Aos pais a imputo.

Madame Podestá dizem que ensina
Grammatica, rethorica, hidraulica,
Mecanica, gymnastica, estetica,
E chymica, e botanica, e plastica,
O arabe, o sanskrit, a geographia,
A prosodia, a syntaxe, industria e canones,
E muitas cousas mais, como th'rapeutica.

Será tudo mui bom; mas eu aposto
Que o remate de tantas luzes juntas
É capaz de fazer perfeitas tolas
As muitas que lá vão com seu juizo!

Paes de familia! tendes filhas d'estas?
Dai-lhes p'ra baixo, como eu dou nas minhas!

Um pai eu conheci, que nunca soube
O seu nome escrever sem quatro asneiras,
E mandou ensinar francez á filha.
A filha conseguiu, passados annos,
Uma cousa fallar mui duvidosa
Que os francezes, talvez, diriam tartaro!
Mas seria francez, o caso é este:

Um dia estava o pai, e ella, e um outro
Janota almiscarado, conversando.
De improviso a menina a lingua solta
Em barbaros grasnidos que atarantam
A cabeça do velho. O « petimetre »
Responde em algarvia semelhante.
O pai, no centro delles, era um parvo
Gemendo sob o peso do ridiculo.
Mas lá vai o peor do caso infausto!
Ao dar da meia noute desse dia
Cumpria-se a promessa contratada
Na presença d'um pai, que bem podera

Embargos de terceiro inda intentar
Se fosse em portuguez organisada
A injusta petição do supplicante.

Pais de familia, vossas filhas fallam
Italiano, francez, gallego, ou turco?
Dai-lhes p'ra baixo como eu dou nas minhas.

UM JANTAR DE BAROENS.

INVOCAÇÃO.

Musa da sopa e do cosido, inspira-me!
Pandega musa, que sorrís ao vate
Em môlho d'açafrão, e de tomate,
Um cego adorador... achaste em mim.
Transforma o estro meu em lombo assado,
Da minha inspiração faz um podim.

Tu filha dos baroens, musa do unto,
Nasceste na cosinha entre caçôlas;
Saudaram-te no berço alhos, cebôlas,
Do cominho tiveste uma ovação.
Depois, trajando gallas de toucinho,
Eu vi-te nas bochechas d'um barão.

Namorado de ti, fiz-te meiguices,
Por de traz d'um pirum, e tu de lá
Sorriste-me atravez da nedea pá
De vitella gentil, rica de arroz!
Ai! era!.. e nem eu sei se foi mais linda
Aquella gorda pata... que te poz!

Tu fizeste de mim novo Claudio,
Inspiraste-me fé no rodavalho.
Traguei indigestoens, arrotos d'alho,
Bernardas na barriga supportei.
Tomei chá de marcella... e, em premio d'isto,
O teu auxilio, ó musa, não terei?!

I.

Dentro e fóra illuminado
O palacio d'um barão,
Fulgurante representa
Um enorme lampião.
Jorram lympidas vidraças

Sobre as populosas praças
Ondas tremulas de luzes.
Vai lá dentro grande goso,
Nesse alcaçar radioso
Do barão dos Alcatruzes.

D'Alcatruzes é chamado,
Porque, sendo ainda moço,
Muitos baldes d'agua fresca
Dizem que tirou d'um poço.
Nenhum outro mais destreza
Revellou na ardua empreza
De puchar acima um balde.
Um que seja tão robusto
Ha-de vir mui tarde e a custo,
Do concelho de Ramalde.

É barão; não vale a pena
Discutir-lhe os nobres feitos.
É barão dos Alcatruzes
Já tem pagos os direitos.
Inda é mais; pois além d'isto
É commendador de Christo
Com bastante indiscripção.
Mal diria Christo outr'ora,
Que seria posto agora
No peito d'um vendilhão!

E mais elle, que os tocava
Com terrivel azorrague!..
Mas os Judas vendem Christo,
Ponto é haver quem pague.
E o barão dos Alcatruzes
Neste seculo das luzes
Tambem fez de farizeu.
E, tambem, se é necessario,
Representa de Calvario,
Onde a cruz se suspendeu.

II.

N'um salão vasto, opulento,
Um banquete se vai dar;
Nos christaes reflecte o ouro,
A fulgir, a scintillar.
Os rubis, e a côr da opala
Transfiguram esta sala
Em olympicas mansoens.
Mas a alma cae por terra,
Quando vê que alli se encerra
Duzia e meia de baroens.

Da terrina a caudal sopa
Em silencio é devorada.
Só então fingiram d'homens,
Porque não disseram nada.
Mas venceu a natureza!
Um barão por sobre a mesa
Estendendo o prato, diz:
« Ó compadre! isto é qu'é bó!
« Venha sopa, e acabó!
« Cá de mim, torno á matriz! »

O barão de Cogumelos
Junto estando á baroneza,
Que se diz dos Sacatrapos,
Quiz fazer-lhe uma fineza.
Arrastou p'ra junto d'ella
Um pirum, e a cabidela
No prato lhe despejou.
E lhe diz: « cá isto é nosso;
« Cousa que não tenha osso
« É p'ró estamago, e arrimou! »

Outro diz á gorda esposa,
Que bem perto de si tem:
« Bai-lhe bebendo po'riba,
« Ó mulher, come-lhe bem! »
Este pede ao seu visinho:

« Que lh'atice bem no binho
« Qu'é da belha companhia. »
Diz aquelle ao seu fronteiro :
« Que lhe chegue um frango inteiro
« E biba a sancta alegria ! »

III.

As saudes já começam.
É um gosto agora vêl-os.
Estas caras representam
Tomates de cotovêlos.
E, a travez do escarlate
Do legitimo tomate,
Transsuda um oleo que brilha.
Cada qual tem as orelhas
Encarniçadas, vermelhas
Como as azas d'uma bilha.

Pega no copo, e exclama
O barão das Pimpinelas :
« Vito serio ! um home fala
« Sem preamblos nem aquellas !
« Á saude e alegria

« Desta bella companhia
« E com toda a estifação !
« P'ra que todos cá binhamos
« Estifeitos como bamos
« De casa do sôr barão ! »

E os hurras retumbaram
Pela sala do festim.
Balthazar nos seus banquetes
Não ouviu gritar assim !
Sobre a mesa deram murros,
Saudaram com grandes urros
O barão dos Alcatruzes ;
Mas alguns com magua sua,
Já cuidavam ver a lua,
Não podendo vêr as luzes.

Mas, entre elles, um existe,
Litterato em seu conceito.
A palavra pede, e reina
Um silencio de respeito.
Elle diz : « Risonhas gallas
« Que refrangem n'estas salas
« Repercutem, symbolisam
« Acrimónias insoluveis,
« Nos acrósticos voluveis
« D'epopeas que eternisam.

« Pandemonios exhauriveis
« D'indeleveis congruencias,
« Requintados se escurecem
« Nos imporios das sciencias
« E liberrimos se escudam
« Nas façanhas que transsudam
« Em fantasiosas luzes.
« E, por tanto, a mais alludo,
« Quando, fervido, saudo
« O barão dos Alcatruzes! »

Succedeu o grito ao pasmo!
Nunca se viu cousa assim!
O orador foi abraçado
Com furor, com frenezim!
« Isto é qu'é! » dizia um,
Convertido em rubro atum,
Betarraba até não mais.
« Viva Cissro! » outro dizia,
Despejando a malvazia,
Com grasnidos infernaes.

IV.

E a pandega findou. Mas alta noute,
Disseram-nos fieis informaçoens;

Que grande movimento ouve de tripas,
E grande salto deram às torneiras
Das pipas convertidas em baroens
Ou antes dos baroens tornados pipas.

ELOGIO FUNEBRE

A uma dama, prodigio de fecundidade, que dá á luz tres romances, por semana, nos jornaes do Porto.

ATAFONA de romances,
És um carril a vapor!
Romantisas quanto achas,
E nos folhetins encaixas
Com satanico furor.

Cornocopia da toleima!
Nós fizemos-te algum mal?
Tu não sabes, escriptora,
Como zombam lá por fóra
Das lettras de Portugal?

Não lucrára mais a patria,
E lucráras tu tambem,
Se fiasses n'uma roca,
Com primor, a massaroca,
Que desprezas, com desdem?

Não te fôra mais airoso
Bispontar bem uns fundilhos
Para em tempo competente
Um remendo pôr decente
Nas cuecas de teus filhos?

Mal tu sabes que sciencia
Tem da meia o calcanhar!
Talvez penses que o romance
É mister de mais alcance
Que nas meias pontos dar!..

Eu por mim antes quizera
Nunca ter lido Camoens,
Nem romances d'uma tola,
Que vestir rôta a ciroula,
Ou camisa sem botoens.

Accredito seja um dia
A mulher emancipada;
Ha-de então ser regedora,
Escrivan, e contadora,
Eleitora, e deputada.

Nesse tempo, se existisses,
Tendo em vista essa pericia
Com que ostentas teu saber,
Que logar podias ter?
Eras cabo de policia.

Tenho pena, quando penso
Que serás formosa e meiga,
E encontro os teus escriptos
Nos embrulhos dos palitos
Do toucinho, e da manteiga!

Faz-me dó, pois tu bem podes
Bordar lenços de cambraia
Com bonito *petit-point;*
E, não sendo aqui ninguem,
Podes ser tudo na Maia.

EPYSTOLA

AO VISCONDE DE QUEBRANTOENS.

Instrumento do ceo, desceste ao Porto,
Corajoso mancebo, que desandas
Nos borlistas fataes sopapo ingente!

Oppresso longo tempo, ahi gemera
Nas entalas crueis d'um camarote
O misero assignante! Amargo calix
Em silencio tragava, ouvindo os passos
Do acerbo massador, impio borlista!
As notas de Rossini eram-lhe espinhos,
As fusas de Bellini eram-lhe fusos
Que o intimo das visceras lhe espetam!
E os duetos em *fá* do Machbet
Eram-lhe cantos de raivosas górgonas!

O ferro fez-lhe vêr visoens do inferno!
A propria Jeny-Lind se cantasse,
Nesse palco, talvez, aos olhos d'elle
Não fosse mais gentil, que a *Cholera-morbus* (1).
É que a larva immortal do pesadello,
A sombra do borlista ergue-se impavida,
Synistra, nos umbraes do camarote!

Derreado e servil no corpo e alma,
Arrasta-se o borlista em cortesias,
Gagueja cumprimentos requentados,
Recebe em cada noute affrontas novas,
E, cynico, sorrí, graceja sempre!

Mas cerram-se ao borlista os horisontes,
Apenas surges tu, Pedro-Eremita,
E aos povos um pregão de guerra envias!
De toda a parte bellicosa ferve
Raivosa indignação contra os *Bernardos*. (2)
Aqui batata pôdre o povo ajunta,
Além prendem-se em pãos bexigas tumidas,
E cebola grelada em grande escala
De Freixo de Numão o Porto importa.

(1) É uma cegonha, cousa duvidosa entre a fôrôa, e a giboia, que canta entre as coristas.

(2) Quem não conhece o sr. Bernardo, digno Achiles do *Barriense?*

Se no livro fatal d'altos destinos
Proscripta a extincção foi do borlista
Da borla a abolição a ti se deve,
De ti, visconde emana o nobre impulso!

Em nome dos sensiveis assignantes,
Recebe o galardão que o Porto envia
Ao caro filho seu que a patria salva
Do typho mais cruel — *typho-borlista!*

IMPRESSOENS

D'UM PASSEIO, NO *JARDIM DE S. LAZARO.*

Que delicias não encerra
Esta bem fadada terra
N'um domingo, em mez d'Abril!
Nem eu sei se a natureza
Deu mais pompas a Veneza,
Que no mar reina gentil.

Não na ha terra mais linda
Nem sonhal-a eu pude ainda
Nos meus sonhos da manhan.
Uma só os dons lhe abate,
És só tu, patria do vate,
Donairosa Campanhan!

Mas, aqui, terra das auras,
Espontaneas brotam Lauras
Por entre sacas d'arroz.
E, quaes ferteis cogomelos,
Nascem Dantes de chinelos,
E Petrarcas d'albornoz.

Tudo vai do ceo formoso,
Que derrama ondas de goso
Nestas almas d'alfinim.
Quem não viu anjos de saia,
Serafins d'alva cambraia
No fantastico *jardim?*

Inda, ha pouco, eu vi delicias
Invejei doces caricias,
Que lá vi... oxalá não!
Entre tantas a mais bella,
A rainha... ai! era ella...
D. Eusebia d'Assumpção!

Ella sempre!.. espectro! larva
Por quem fiz esta alma parva,
Por quem dei cavaco até!
E tão linda!.. impia cegonha,
Tão folhuda!.. era uma fronha,
Um travesseiro de pé!

E, tão tolo, eu quiz fallar-lhe
Quiz mysterios revelar-lhe
Deste amor, desta agonia:
Quiz dizer-lhe em voz terrivel,
Com rancor inconcebivel:
« Passou bem? que bello dia! »

Não me ouviu, virou-me a cara,
E eu jurei vingança avara,
E a vingança... oh! eide-a ter!
Não te rias, lagarticha,
Eide atirar-te uma bicha,
Eide vêr-te a fralda a arder.

Feito o horrivel juramento,
N'aquelle acerbo momento
Dona Eusebia me esqueceu!..
Procurei entre outras flores
Nova fé, novos amores...
Poderia achal-os eu?

Dona Eustaquia era formosa,
Tinha os dentes côr de rosa,
Meigos olhos de marfim;
Tinha o collo verde-gaio,
Lindos braços côr de paio,
Lindas mãos de marroquim.

Mas Eustaquia não podia,
Conceber-me esta poesia,
Que me escalda o coração!
Ao pé d'ella estava um grulha,
Um rival, um gêta, um pulha,
Um palerma, um pelitrão.

A pretexto de meiguices,
Vomitorio de sandices
Era o tal... que eu não direi...
O que eu fiz foi pôr-me ao largo,
Pois luctar é sempre amargo
Contra um estupido de lei.

Outra vi; julguei-a vaga;
Era Dona Saramaga,
D'olhos garços de matar.
De cabello em grande rôlo,
Sua testa era um rebôlo,
Mas rebôlo de encantar!

Esta sim: ouviu-me as fallas,
Conheceu que estava em tallas
Meu dorido coração.
Deu-me affectos desvellados,
Deu-me quatro rebuçados
Com sensivel emoção!

Perguntou-me se a Geordano
Ficaria para o anno,
Ou iria p'ra Pariz.
Respondi-lhe que a cantora,
Por em quanto, era senhora
Da garganta e do nariz.

Dito isto (e não é pouco)
Retirei-me quasi louco
De paixão, que é de matar.
Mas palpita-me que um dia,
Consummida esta poesia,
Pés de burro eide apanhar!

P. S.

O AUCTOR desta obra é uma pessoa honesta, que reconhece Deus no ceo, e o ridiculo na terra. Não crê no representante de Deus entre os homens, por que não quer ultrajar a divindade; mas confessa que o demonio tem um representante em cada freguezia, sem attribuiçoens no codigo administractivo, mas funccionario muito superior aos regedores e juizes eleitos. O auctor accredita que o diabo não é tão feio como o pintam, e reputa-o, nas suas elevadissimas intuiçoens, como um espirito que se ri desentoadamente das muito parvas evoluçoens da humanidade. O auctor ousa declarar-se commissionado provisoriamente desse espirito do sarcasmo, e não poderá d'hora em diante irrogar injuria a quem lhe chamar « alma do diabo. » Conscio da missão que lhe é delegada, o auctor intenta uma publicação semanal, que será uma pagina que o Lucifer do seculo XX receberá da mão do Lucifer do seculo XIX. A geração, que vai levantar-se sobre os tumulos da geração que se esconde na grande valla d'uma epocha, virá estudar a nossa biographia nessa obra que o auctor intenta. Quem quizer assignar para ella fará um serviço aos seus netos.

PROSPECTO.

UM BICO DE GAZ.

JORNAL SEMANAL.

Assignatura por mez: 160 réis. O jornal é distribuido aos sabbados; e assigna-se

No Porto — em todas as lojas onde se vende este folheto; Lisboa., Coimbra, Vizeu, Lamego, Vianna, e Braga.

Admittem-se correspondencias que attinjam a missão rasgadamente civilisadora deste jornal. É preciso que a luz da intelligencia humana deixe de ser alimentada por azeite de purgueira. O espirito reclama um bico de gaz. E o auctor tem a vaidade de reputar-se o Hislop do mundo espiritual.

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

STALL-STUDY

CHARGE

BOOK DUE-WID

6256396

FEB 5 1979

CANCELLED

NOV 9 1978

WIDENER

BOOK DUE

JUL 8 1989

CANCELLED

JAN 25 1989

29 4401

Port 5965.45
Folhas cahidas, apanhadas na lama,
Widener Library 002861651
3 2044 080 821 879